

O ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL: ALGUMAS REFLEXÕES

ADRIANA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

Graduanda na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, cursando 8º semestre do curso de Licenciatura em Filosofia. Pesquisadora no projeto de pesquisa “O Ensino de Filosofia em Amargosa e no Vale do Jiquiriçá”, pelo PIBIC/Cnpq e pesquisadora no projeto Intervenção Filosófica no Ensino Médio em Mutuípe, bolsista PIBID/Cnpq.
E-mail dry_smile@hotmail.com

EMANOEL LUÍS ROQUE SOARES

Professor adjunto II da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, professor de filosofia da educação do Centro de Formação de Professores, Amargosa-BA, líder do grupo de pesquisa NÚCLEO DE PESQUISA FILOSÓFICA: EDUCAÇÃO, EPISTEMOLOGIA E POLÍTICA, linha Filosofia da Educação, doutor em Educação (2008) Universidade Federal do Ceará/FACED. E-mail: el-soares@uol.com.br.

Introdução

O ensino pode nos ajudar na construção cidadã dando significado ao mundo, e uma busca profunda do sujeito crítico e reflexivo. É observável desde os tempos remotos o ato de instruir os indivíduos, a exemplo, os ensinamentos de auto-sobrevivência, de modo informal que era ensinado pelos familiares por meio, da observação e da prática. Os sofistas, por exemplo, começaram a usar métodos que contemporaneamente nos auxiliam á prática educativa.

Pensar assim no ensino de Filosofia no Brasil requer contextualizar a história da filosofia no Brasil sobre tudo porque aborda uma época de mudanças culturais, econômicas e política no país. A pesquisa é importante para compreender o ensino de filosofia para educação brasileira, de modo que instigue a atenção dos leitores sobre o pensar filosófico, o retorno da disciplina no ensino médio, o professor na sala de aula nos dias atuais e também sua importância para contemporaneidade. Desse modo o presente artigo tem por objetivo, abordar temas que trate do ensino de Filosofia no Brasil assim como sua desvalorização paralela a educação na atualidade.

O ensino de filosofia no Brasil

A “filosofia”, como busca da verdade racional, por meio do questionamento, recebeu ênfase com Sócrates, cerca de 400 a.C. Para Sócrates, as opiniões não são verdades, pois não resiste ao diálogo crítico. Todos nós conhecemos a clássica figura que tradicionalmente se formou de Sócrates como um homem feio que, andando pelas ruas interpelando as pessoas, criavam um mal-estar em seus interlocutores para fazê-los a encarar a ignorância sobre sua ignorância por meio de seu questionamento. Sócrates procurava a essência das coisas. Tentava, pelas ruas de sua cidade, incitar os cidadãos atenienses a buscarem os conceitos a despeito das opiniões das aparições particulares (ASPIS, 2009).

A filosofia antiga surgiu nas colônias gregas da Ásia Menor, por volta do século VI a.C; pois, antes, pensava-se em narrativas contadas que se passavam de geração para geração, com histórias de mitos que falavam de deuses e heróis, misturando-se, assim, saberes com as religiões antigas. Esses contos, produtos da imaginação humana, eram baseados na crença e as pessoas ouviam e aceitavam o que eles diziam sem que houvesse maiores questionamentos dessas histórias em seu cotidiano. Ao contrário disso, a filosofia veio trazer a arte de duvidar, de problematizar sobre esses fatos, provocando mudanças na concepção do conhecimento pronto e de origem mítica.

Tales de Mileto foi um astrônomo, matemático e sábio da época, acreditava que a água era o elemento onde aconteceu a origem da vida e que os homens deveriam focar seus pensamentos na natureza. Neste período, não existia uma separação entre a filosofia e a ciência. O filósofo era o verdadeiro sábio e dominava todos os outros saberes particular.

Para tanto a chegada da filosofia no Brasil foi marcada pela reforma e contra-reforma ea chegada dos jesuítas. Uma época no qual a igreja detinha de todo o controle sobre a população. Na

aquela época toda a doutrina cristã se fazia presente no contexto europeu; a igreja controlava tudo desde os bens matérias até a educação dos filhos da alta sociedade, por isso, muitos mosteiros medievais preservavam as bibliotecas. Santo Agostinho, por exemplo, foi um membro da Igreja muito importante; pois os principais problemas abordados foram pelos medievos discussões entre fé e razão, a existência de Deus, os objetos da teologia, da metafísica, e os problemas do conhecimento dos saberes universais, com destaque para Santo Agostinho, pensador e teólogo, o qual defende que Deus é um ser supremo não autor do mal e que o mau uso do livre-arbítrio é que leva os homens praticarem o mal. Ele condenava o formalismo e se limitava a teses rígidas que associavam platonismo e cristianismo. Este filósofo sim poderia ser estudado na época porque para igreja Deus era o centro de tudo e quem desobedece a igreja era condenado ao inferno.

Com a chegada dos jesuítas na sociedade brasileira, período de colonização, controle exploração e dominação, houve a expansão comercial, a burguesia, a chegada dos portugueses que expulsou os trabalhadores, os índios, uma nova cultura foi centrada: Deus enatureza desaparecem da vida dos homens, assim desenvolve as novas tecnologias, a construção do novo império colonial, surgindo uma nova classe social aquela que acumular riquezas, deste modo o capital. A Europa toma conta do país, poderíamos então dizer que a influencia européia marcou profundamente o modo de pensar do brasileiro. O movimento de reforma e contra-reforma ganha força, mas foi Portugal que acolhe a companhia de Jesus, os jesuítas no século XVI(1553) tiveram maiores influencia na historia da educação do Brasil, eram responsáveis pela educação dos povos e sua forma de catequizar era fortalecer a fé cristã; uma educação religiosa em que o aluno deveria obedecer a ordem soberana, a filosofia no ensino se tornou importante para classe dominante que utilizava a retórica e memorização dos filósofos assim como formação do homem religioso. Afirma LEITE:

Procurar o proveito das almas, na vida e na doutrina cristã e propagar a fé, pela pública separação e ministério da palavra de Deus, pelos exercícios espirituais e obras de caridade, e, nomeadamente, ensinar os meninos e rudes a verdades do cristianismo, e consolar espiritualmente os fieis no tribunal da confissão, e trate de ter sempre em diante dos olhos primeiro a Deus, depois modo deste seu instituto, que é um caminho para chegar a ele, e (..) não suceda que algum se deixe de levar de um zelo não regulado para a ciência. (LEITE 1938,P.6).

Fica evidente que a educação brasileira deve-se aos jesuítas, eles lutaram pela educação indígena e contra ao massacre dos portugueses. Pode-se então destacar que os jesuítas marcaram presença na filosofia, a filosofia é tida como um caráter religioso. Entretanto o interesse político permeava, o marquês de Pombal expulsa os jesuítas alegando que o cidadão deveria servir ao Estado, portanto o que se tem é uma classe dominante controlada pelo estado. O questionamento que se faz é o seguinte: Por que a educação é pouco valorada? Será que a mesma já teve seu devido valor? O objetivo dos jesuítas fez de seus alunos educadores? Dito isto se faz importante pensar na educação no Brasil, já que vivemos no país de educação formal onde o ensino de filosofia é pouco valorizado.

O retorno da filosofia no ensino médio

Com o Regime Militar brasileiro, a filosofia desapareceu das escolas. A censura aos meios de comunicação fez desaparecer todas as vozes. A disciplina era considerada perigosa; pois poderia desviar a juventude do pensamento ditado naquela época. Por sua vez, os professores foram proibidos de exercer a função de pensadores, tanto na sociedade como em sala de aula.

Estudo feito pelo Ministério da Educação (MEC) mostra uma déficit que as escolas têm para adaptar à nova legislação, há uma carência de docentes na área de filosofia, assim como também

em historia, geografia e outros, existem também falta de materiais didáticos e poucos estudos na área de filosofia. Segundo dados do último Censo Escolar, cerca de 350 mil professores em exercício não possuem formação em nível de graduação e aproximadamente 300 mil atuam em área diferente daquela em que se graduaram. Problemas relacionados à má qualidade de educação são os problemas que enfrentamos todos os dias, professores que ganham um salário errôneo, professores que não atuam na sua área de formação, a má qualidade de vida e etc. são esses os fatores que faz com diversos professores não tem interesse no ato de ensinar. O fato é que as instituições de ensino estão muito burocratizadas, números mostram que as maiorias dos estudantes estão sendo aprovados, mas o que se observa na prática é que os alunos não estão aprendendo nada.

Assim, depois de 37 anos ausente dos currículos de Ensino Médio, a Filosofia volta a ser obrigatória nas escolas brasileiras, tal com um reconhecimento de sua importância para o alunado, porém revistas e jornais nos mostram que há um grande desinteresse pelos alunos para com a disciplina.

Vivemos, hoje, no mundo das telecomunicações. Isso faz com que crianças e adultos não se interessem por Filosofia, por só buscarem interesses cotidianos “úteis” e “imediatos”, o que mostra que a dificuldade para se Filosofar é devida à falta de interesse da “sociedade” pela Educação, por não estimularem o senso crítico das crianças.

A filosofia é a busca constante de conhecimento, acreditamos ser importante pensar o ensino de filosofia desde um olhar da própria filosofia. Isso significa que devemos desconstruir o que estamos habituados a ouvir, que a filosofia é ciência, que filosofia não é necessário. Assim, a didática, a metodologia e o objetivo do ensino de filosofia é contribuir para o âmbito escolar, os alunos sejam críticos, que eles possam questionar e para isso cabe também aos filósofos ajuda na construção do saber.

Talvez seja necessário pensar que para pensar filosoficamente é necessária a compreensão do conceito de filosofia. O que

a filosofia quer ensinar? Como ensinar? Trabalhar com o conceito de filosofia é o primeiro passo do processo de se ensinar filosofia; é dizer, é assumir uma postura filosófica em torno dos problemas filosóficos emergidos no processo de ensino.

O professor na sala de aula nos dias atuais

Uma grande preocupação que o indivíduo tem ao fazer determinada atividade é fazê-la bem para obter sucesso. Sabemos que o sucesso produz efeitos positivos, como a empolgação, dedicação e conquistas. Mas também possui efeitos negativos tornando o sujeito envaidecido, narcísico, se tornando superior aos outros. Como existem sujeitos que são marcados pelo fracasso, tornando-os tímidos, introvertidos, envergonhados e com sentimento de inferioridade.

Quando falamos de um sujeito no contexto educacional, não podemos falar em sucesso ou fracasso escolar, mas em experiências de sucesso ou fracasso.

Na sociedade como um todo, encontramos experiências de sucesso ou fracasso, observamos também que há uma classe dominante e uma classe dominada, estas geralmente são as denominadas as “camadas populares”, cujas pessoas estão à margem de todo sistema institucionalizado, por isso os problemas sociais (como desemprego, violência, imigração, etc.) são tratados como ocasionados por essas pessoas “fracassadas”.

A atenção do professor deve estar voltada para a classe como um todo. Diante do assunto aplicado, uns compreendem logo, outros demoram, mas, há ainda aqueles que não conseguem aprender, mesmo com o uso de outra dinâmica. Mas por quê?

A resposta não pode ser dada tomando o contexto atual, mas deve-se analisar o que está por trás disso. Entendendo que a escola se tornou um dispositivo de inserção social, nota-se que alunos de diversas culturas, lugares, idades e diferentes níveis de participação regular na escola frequentam o mesmo ambiente.

A questão do fracasso escolar remete para muitos debates: sobre o aprendizado, obviamente, mas também sobre a eficácia dos docentes, sobre o serviço público, sobre a igualdade das “chances”, sobre os recursos que o país deve investir em seu sistema educativo, sobre a “crise”, sobre os modos de vida e o trabalho na sociedade de amanhã, sobre as formas de cidadania, etc. todas as noções que encobrem, pois, práticas e experiências muito diversas e se beneficiam ao mesmo tempo de uma espécie de evidência encontram-se na encruzilhada de múltiplas relações sociais. (CHARLOT, 2000, p. 14).

Os professores de filosofia têm uma tarefa e um compromisso de enorme responsabilidade, “não querendo dizer que apenas os professores de filosofia, possuem tamanha responsabilidade”, antes de ir para sala de aula, visto que o mesmo é tido como uma disciplina qualquer, uma vez que a Filosofia foi, por muito tempo posto em segundo plano nas escolas, mas é que o ensino pode nos ajudar na construção dando significado ao mundo, e uma busca profunda do sujeito da educação. Então como pensar filosoficamente o ensino de filosofia?

Filosofia. “Isto ou Aquilo” ?¹

A palavra filosofia vem do grego, que significa amor a sabedoria e tem uma função para a os filósofos: explicar os fenômenos e as questões humanas. Mas será que somente isso que se pode dizer a respeito do vocábulo filosofia? Mas o que é isto, filosofia? Seria apenas um conceito puro e unívoco? Uma razão? O que se verifica é que a filosofia não é fácil ser definida, não é meramente optar ou “Isto ou Aquilo”. Após a invenção deste conceito, por Tales de Mileto, Pitágoras, ainda é desafiador, pois caracteriza ou qualificar tal termo. Poderíamos então dizer que a filosofia é amor a sabedoria, mas o que se entende por amor nessa área? E a sabedoria?

A verdade é que a filosofia nunca foi fácil de ser envolvida, essa disciplina foi abandonada por muito tempo e consequente-

¹ Referência a poesia de Cecília Meireles (Isto ou Aquilo eis a questão).

mente também perdeu o seu valor. Sendo a filosofia o amante da sabedoria, seria seu papel buscá-la? A filosofia e aspereza pode ser esta disciplina especulativa que sugere, faz perguntas, questiona, instiga a reflexão e acentua a curiosidade em tempos diferentes? Em concepções de diversos filósofos é conceituada por viés diferente. A questão é que a filosofia é carregada de historicidade, que pensa o que isto a filosofia não dá a sua origem, sendo ela dada como uma razão qual é esta razão? Como dizia Aristóteles à filosofia é um espanto uma admiração para com a natureza. Se acreditarmos que a filosofia é uma essência, que essência é essa então? A pergunta: o que é filosofia? Fica em circularidade, porque a filosofia por olhares heterogêneos, dessa forma não existe uma resposta única.

A filósofa para maioria das pessoas é tida como inerente ao fato de que serve para fundamentar nossas idéias e expandir nossos pensamentos e criticidade que atribuímos aos questionamentos. Isto seria a filosofia, o filosofar, o questionar, pois quando filosofamos começamos a questionar, começamos a lidar com esse mundo cheio de banalizações, é partir dessa área de conhecimento que começamos a nos valorizar.

A filosofia como dizia Sócrates é um saber que não se sabe suficiente. Podemos dizer que a filosofia é, portanto, uma construção da razão humana, que parte da experiência, do questionar. Uma reflexão critica talvez porque a filosofia não está preocupada com as respostas, e sim viver com base em perguntas.

O ensino de filosofia na contemporaneidade

Sabe-se que a filosofia contemporânea, do início do século XX em diante, provocou novas problematizações, como, por exemplo, “O que é lógica? O que é ética?”, bem como questões relativas á fenomenologia, existencialismo, triunfo da razão, do cientificismo e da técnica, importantes para o desenvolvimento e consolidação do regime capitalista no Ocidente e pelas disputas das grandes potências

européias por territórios, matérias-primas e mercados consumidores, momentos esses crucialmente marcados pela disseminação dos pensamentos de filósofos como Kant, Marx, Hegel, Nietzsche. Ma o fato é que o ensino de filosofia está em crise, o mundo está em crise de acordo com Arendt vivemos em um sistema educacional em crise; às crianças crescem privadas do seu espaço de liberdade, o professor não está tendo seu devido espaço em sala de aula, as crenças, os valores e as etnias se perdem. É evidente que as políticas educacionais contemporâneas privilegiam apenas os fatores internos da escola, negligenciando o entorno da mesma sendo que estas situações estão presentes no dia-a-dia, e que o aluno leva consigo. Dessa forma jornais, revistas, internet e outros meio de comunicação nos mostram o quanto á educação está sendo desvalorizada. Isso parte de um simples contato com educação na escola, falta de professores preparados para dar aulas, o descaso com a disciplina e também da escola para com a disciplina, a falta de livros didáticos, a dificuldade dos alunos interpretarem um texto filosófico, ainda há relatos do próprio aluno que diz que a filosofia não tem importância o fato é quea filosofia não está tendo seu devido espaço.

Considerações finais

O Ensino de Filosofia no Brasil sempre foi pouco valorado; pois privou que os alunos pudessem pensar, falar criticamente, e quando se reflete a filosofia e seu retorno pensa-se como a filosofia pode contribuir para educação brasileira, mas o fato que até os dias de hoje não se pensa em uma filosofia brasileira, a cultura do nosso próprio país é abandonada. Daí pode-se dizer que a Filosofia é importante para a formação social, uma vez que sua ausência no currículo não impediu sua permanencia nos meios políticos-educacionais, haja vista que cada vez mais ela se fez presente em todas as dimensões da vida humana. Isso comprova a validade dessa ciência, bem como sua importância para a formação democrática e cidadã. O ob-

jeto da Filosofia tem como fazer com que alunos tenham curiosidade em ouvir definições, isso considera que o professor deve orientar a turma no sentido de evitar confusões de conceitos, tendo assim a ação de despertar nos alunos a convicção de interpretar o saber empírico, pela respectiva aplicação do método experimental, condizente ao estabelecimento das leis em despertar na classe a reflexão sobre a investigação científica, para sistematizar suas fases fundamentais desde a observação a todo processo de cientificação do pensamento. Este trabalho tem como finalidade poder contribuir para o ensino de filosofia e a educação brasileira observa-se que é de total importância os docentes, alunos, políticos participar da realidade do local em que vive assim saber a história, as principais manifestações culturais e levar em consideração o convívio comunitário dos alunos, podendo assim trabalhar diversos temas e com a linguagem adequada.

Referências bibliográficas

NETO, Costa Pedro. **Sobre A Institucionalização Do Ensino de Filosofia no Brasil: dois exemplos**. Acessado no dia 19/12/2013. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo2/054.pdf>

CEPPAS, Filipe. **Anotações sobre a formação filosófica no Brasil**. GT- 17 Filosofia da Educação. PUC. Rio de Janeiro.

SILVA, Carlos José. **Os Jesuítase o Ensino de Filosofia no Brasil**. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

ASPIS, Renata Lima & GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia um livro para professores**: um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia, 2009.

CORREIA, Wilson Francisco, *Filosofia Educação Básica e Cidadania*, Revista Espaço Acadêmico -nº 92- Mensal Janeiro de 2009. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/092/92correia.htm>> Acesso em: 15.Dezembro.2013.